

Circo da Escola: uma experiência de Estágio Supervisionado em Educação Física no 1º Ano do Ensino Fundamental

Carolina Noronha Fernandes;
Giorgia Enae Martins¹

O estágio foi uma experiência que nos aproximou realmente do nosso maior campo de atuação, que é a escola, possibilitando experiências concretas de práticas pedagógicas no papel de professoras. Também nos permitiu perceber com maior clareza as relações existentes no ambiente escolar, entre professores, alunos, funcionários, direção, família, etc.

Nessa segunda experiência como professoras no campo da escola², optamos por trabalhar com uma turma de 1º Ano, já que a primeira experiência foi com crianças

maiores, de 5º Ano, e que já tinham muitas expectativas com o esporte na aula da Educação Física, o que dificultaria a experiência de outra vivência como conteúdo nas aulas, o que era nosso objetivo e desafio. Crianças de seis e sete anos são espontâneas e bastante abertas ao conhecimento, ao novo, permeadas pela imaginação, o que nos pareceu uma oportunidade, já que nossa experiência anterior (Estágio I) com crianças de doze a dezessete anos foi bastante difícil e marcou nossa trajetória, portanto buscávamos algo a mais.

-
- 1 Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsistas do Grupo PET/Educação Física – UFSC. Contatos: carolnoronha09@gmail.com – giorgiaenae@yahoo.com.br
 - 2 Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar, realizado na Escola Básica Municipal Padre João Alfredo Horn, em Florianópolis, no segundo semestre de 2009.

Na turma que foi escolhida para ser o campo de atuação, observou-se uma relação muito agradável e até mesmo de amizade entre o professor de Educação Física e a turma do 1º. Ano, pois os mesmos demonstraram gostar muito da disciplina e respeitaram as intervenções do professor quando isto realmente era necessário. Havia, numa turma de 20 alunos, 9 meninos, onde todos assim como as meninas estão na faixa etária de 6 para 7 anos. Para que alcançássemos nossos objetivos pensamos um projeto de interlocução a partir de um tema que pareceu-nos bastante rico e completo, que estimularia a imaginação das crianças, tão presente nesta faixa etária.

Para a escola, segundo seu Projeto Político Pedagógico da Escola (EBM JOÃO..., 2009), o objeto de estudo da área/campo da Educação Física é a *cultura corporal*, cujas manifestações como o esporte, a ginástica, os jogos, lutas e danças, devem passar por um trato pedagógico para ser trabalhado no contexto escolar como conteúdos didáticos para o desenvolvimento de um conhecimento específico; assim, o esporte, por exemplo, passa a ser um “esporte da escola” e não mais um “esporte na escola”, que apenas reproduz o que já é trabalhado no entorno do contexto escolar, na rua e em outros espaços; sendo então o

conhecimento trabalhado na Educação Física escolar, um “saber-fazer” (prática), um “saber sobre o saber-fazer” (teoria iluminadora da prática) e um “saber por que fazer” (quais as razões e atitudes de nossa prática), o que torna legitimada a área/campo da Educação Física escolar.

A temática escolhida então para se trabalhar nesta experiência de estágio supervisionado, especificamente com esta turma, foi o Circo, com práticas corporais que promovessem o equilíbrio, algumas habilidades motoras, acrobacias mais simples, brincadeiras, etc. Mas o “espetáculo” não parou por aí, já que o que contextualiza essa prática sócio-cultural é justamente seu componente popular e criativo, de uma expressão artística, corporal e, por que não dizer, mágica criada na rua.

Pensamos que a Educação Física escolar, assim como qualquer outro componente curricular, tem conteúdos a serem trabalhados e, neste projeto de intervenção com o Circo como eixo, pretendeu-se passar conceitos, conhecimentos e práticas corporais que permitissem o aprendizado permeado por valores que proporcionassem às crianças o exercício do se perceber naquelas relações com o conhecimento, com o se movimentar, com o outro e com o todo, utilizando para isso a exploração do imaginário, da criatividade, da expressividade de cada uma delas.

Criar um espaço cultural legítimo sujeito a experimentação e reflexão acerca dos elementos do Circo, foi nosso maior objetivo, sendo orientado por teorias pedagógicas que temos como referências. Assim, pensamos que “o educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência” (MATURANA, 1998). Neste sentido, nossa interlocução, que teve o circo como conteúdo principal, foi realizada com o objetivo de valorizar o convívio e as relações entre o grupo, e as formas legítimas de convivência.

A Pedagogia Crítico Emancipatória (KUNZ, 2006), que trata do “se movimentar” como objeto da Educação Física, nos serviu como base para nossa atuação pedagógica, pois condiz com nossa concepção de Educação Física e de mundo.

O Circo justifica-se como conteúdo escolar, pois “está representado em quase todas as civilizações, sociedades e culturas desde o início até o presente da humanidade” (BORTOLETO; MACHADO, 2003). Para a Educação Física, mais do que isso, justifica-se pelo se movimentar presente no circo através

de movimentos plásticos e desafiantes representados pelas figuras do Circo, como o contorcionista, trapezista, malabarista e até mesmo o próprio palhaço.

Nosso trato com o conteúdo do Circo se deu no sentido de passar os conhecimentos de forma que as crianças se experimentassem naqueles movimentos, percebendo suas dificuldades e seu corpo naquele processo. O objetivo não era de desempenho e eficiência nas cambalhotas e nas estrelas, mas sim trabalhar as formas de agir durante aquela prática, de se relacionar e de perceber o outro, respeitando a si mesmo, seus limites e o outro, em sua forma de ser e de fazer.

O resultado de nossa intervenção com o tema “circo” por parte das crianças foi bem positivo; uma coincidência que nos facilitou na introdução do tema para os alunos foi o fato da professora de classe também estar trabalhando com um personagem do circo do qual foi nosso “interlocutor inicial”, o palhaço, sendo então os conteúdos ou significados trabalhados de maneira interligada/interdisciplinar e não separados, dicotomizados.

Como a temática que trabalhamos não é algo já pronto ou fechado com regras que devem ser cumpridas, acreditamos que oportunizamos uma construção bem participativa em cada aula,

aprendendo com a dinâmica das crianças, que muitas vezes não faziam como havíamos planejado, mas que tornavam a atividade muito mais rica em relação à criatividade e a imaginação, como, por exemplo, uma “simples” árvore se tornar em um grande navio pirata nos quais os marinheiros (meninos que estavam em cima dela) tinham a missão de salvar as princesas (meninas), que se encontravam ao redor da mesma. Outra prática que nos chamou a atenção foi quando realizamos a “caminhada imaginária”, onde começamos contando uma história e as crianças “entraram” tanto na mesma que continuaram contando através de suas idéias e explorando locais da escola pouco visitados mesmo pelas próprias crianças, como no canto do terreno, embaixo de árvores e etc.

A hora da “chamada” muitas vezes bem conturbada pela fácil distração das crianças pode ser mais um momento rico de desenvolvimento da timidez, por meio de brincadeiras como a mímica, atividade muito bem quista pelos alunos da faixa etária que trabalhamos. Todas essas experiências nos mostraram que não só podemos desenvolver outras atividades que não os esportes, por exemplo, como devemos tentar ministrar aulas com práticas que despertem mais o interesse pela imaginação das crianças, ainda tão

fértil e ainda pouco explorada por parte dos professores.

A experiência do estágio II foi para nós, a hora e o local onde pudemos realmente nos experimentar como professoras e colocar nossas idéias até então muito teóricas ou muito pouco experimentadas na prática, nos adaptando quando necessário, adequando as atividades com a turma durante o processo, refletindo muito e muitas vezes mudando os caminhos e estratégias pensadas, tudo para alcançar nosso objetivo principal, de ensinar algo às crianças e com certeza aprender muito com elas, bem como com toda a realidade escolar concreta, mesmo sendo num curto espaço de tempo.

Por acreditarmos tanto nesse momento do estágio como um período de crescimento profissional e até mesmo pessoal, é que pensamos que deveriam ter mais espaços como este durante a graduação, para que pudéssemos viver a prática docente propriamente dita não somente no final do curso mas, por exemplo, a partir do 3º ou mais tardar no 4º semestre, já que antes mesmo desse período, em nosso currículo, já se têm as “Práticas Pedagógicas como Componente Curricular” (PPCC), aliadas a inúmeras disciplinas, e que na maioria das vezes em nossa formação, o professor responsável por encaminhar atividades para este momento,

acaba liberando os alunos para observarem aulas em escolas ou outros projetos, de forma pouco orientada, e portanto, pouco aproveitada e aprendida. Esse tempo poderia ser utilizado para que os acadêmicos vivenciassem a realidade de nossos campos de atuação, onde o principal deles, na Licenciatura, é a escola, exercitando, por exemplo, os conteúdos que foram aprendidos durante o semestre.

Com certeza seria um período muito mais rico de aprendizado já que teríamos situações de fatos concretos e reais, não mais experiências de darmos aulas apenas para nossos colegas de turma, onde todos participam, não contendo, por exemplo, o problema de indisciplina e etc. Todas essas vivências poderiam fomentar melhores discussões em sala, pois teríamos nossas próprias experiências para relatar, refletir e tentar melhorar, já que com certeza teríamos muito para ganhar uns com os outros (colegas) e com quem tirar nossas dívidas e nos “guiar” para uma compreensão melhor dos fatos (professores).

Tais experiências são possíveis, sendo porém necessária uma mudança na estrutura do atual currículo do curso, certamente seriam experiências muito enriquecedoras para a formação dos acadêmicos, que chegariam com mais segurança para atuarem nos estágios, não

mais como aqueles que irão ter suas primeiras experiências, mas que podem melhorá-las e a “arriscá-las” no estágio, pois muitas já teriam sido vividas ou no mínimo pensadas com mais fundamentos.

Lidar com seres humanos, tendo a responsabilidade de ensinar algo, educar e formar, não somente como uma transmissão de conhecimentos, mas com a preocupação de formar cidadãos preocupados com o outro e com o mundo (MATURANA, 1998), já nos deixou bastante desafiadas e realizadas.

Referências

- BORTOLETO, M.A.C., MACHADO, G.A. Reflexões sobre o circo e a Educação Física. **Revista Corpoconsciência**, n. 12, p. 39-69, Santo André, 2003.
- EBM João Alfredo Rohr. **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis: 2009 (mimeo).
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.
- MATURANA, H. **Emoções e Linguagens na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.